

POR UMA PEDAGOGIA DA PERGUNTA - PAULO FREIRE, ANTONIO FAUNDEZ E O CONVITE AO DIÁLOGO E À DEMOCRACIA EM TEMPOS DESAFIADORES

POR UNA PEDAGOGÍA DE LA PREGUNTA – PAULO FREIRE, ANTONIO FAUNDEZ Y LA INVITACIÓN AL DIÁLOGO Y LÁ DEMOCRACIA EM TIEMPOS DE DESAFÍO

FOR A PEDAGOGY OF THE QUESTION – PAULO FREIRE, ANTONIO FAUNDEZ AND THE INVITATION TO DIALOGUE AND DEMOCRACY IN CHALLENGING TIMES

Cintia de Assis Ricardo da Silva¹

Resumo:

O presente texto é uma resenha do livro Por uma pedagogia da pergunta, escrito pelo brasileiro Paulo Freire e pelo chileno Antonio Faundez. A escrita evidencia algumas experiências dos autores no exílio político que ambos vivenciaram e são narradas e debatidas num processo criativo e dialógico que rompe com o formato individualista de escrita. Alguns temas foram destacados como base para melhor compreensão dos contextos apresentados.

Palavras-chave: Exílio. Cotidianeidade. Educação popular. Pedagogia da pergunta.

Summary:

This text is a new review of the book For a pedagogy of the question, written by the Brazilian Paulo Freire and by the Chilean Antonio Faundez. The writing evidences some experiences of the authors in political exile that both lived and are narrated and debated in a creative and dialogical process that breaks with the individualistic writing format. Some themes were highlighted as a basis for better understanding of the contexts presented.

Keywords: Exile. Daily life. Popular education. Pedagogy of the question.

Resumen:

Este texto es una reseña del libro Para una pedagogía de la pregunta, escrito por el brasileño Paulo Freire y por el chileno Antonio Faundez. La escritura evidencia algunas experiencias de los autores en el exilio político que tanto vivieron como son narradas y debatidas en un proceso creativo y dialógico que rompe con el formato de escritura individualista. Se destacaron algunos temas como base para una mejor comprensión de los contextos presentados.

Palabras clave: Exilio. Vida diaria. Educación popular. Pedagogía de la pregunta.

¹ Mestre em Educação pela UERJ/ FFP (Faculdade de Formação de Professores) – Programa Processos Formativos e Desigualdades Sociais. Graduada em Pedagogia e em licenciatura em Educação Física- Professora de Educação Física do Colégio Pedro II (Campus Realengo I) - E-mail: cintia03assis@yahoo.com.br

Lançado em 1985, o livro é um diálogo entre o brasileiro Paulo Freire e o chileno Antonio Faundez, que afirmam ser um livro falado pois materializa um diálogo entre os dois, com temas que se relacionam com experiências comuns, ou não, a ambos.

Não há divisão por capítulos, mas um fio de ideias que se desenrola e entrelaça formando uma rede dialógica.

Destacaremos alguns temas: o exílio; a cotidianidade; o papel do intelectual; a docência; o aprender a perguntar; modos de resistência popular.

Valorizarem o diálogo como uma experiência intelectual interessante, criativa, rompendo com a tradição individualista da criação, pois “a vivacidade do discurso, a leveza da oralidade, a espontaneidade do diálogo, em si mesmo, não sacrificam em nada a seriedade da obra ou a sua necessária rigorosidade” (p.16).

Trazem experiências de exílio político que vivenciaram em São Tomé e Príncipe, Guiné-Bissau, Nicarágua, Moçambique e outros países. O mergulho em outros países deixa o corpo molhado, atravessado pela tensão permanente de estar em dois contextos: o de origem, que é o que forma, e o novo, que exige um reviver, com possibilidades de apropriação de novos modos de existir.

Estar exilados traz desafios, como o sentimento ambíguo de liberdade, de alívio por escapado de uma situação de ameaça, e por outro lado de viver o sofrimento de um corte na sua história.

Os autores utilizam o termo “cotidianidade emprestada” para tratar das diferenças culturais, da vida diária. Ressaltam a importância de aprender “as regras do jogo, conscientemente, sem renunciar àquilo que me parecia fundamental, sem recusar o mais básico de mim mesmo e, por isso, sem me adaptar ao cotidiano de empréstimo” (p. 41).

Nessa perspectiva o corpo humano aparece destacado na obra: “velho ou moço, gordo ou magro, não importa de que cor, o corpo consciente, que olha as estrelas, é o corpo que escreve, é o corpo que fala, é o corpo que luta, é o corpo que ama, que odeia, é o corpo que sofre, é o corpo que morre, é o corpo que vive! (p. 41).”

A obra já completa 36 anos, e vivemos na atualidade uma situação de pandemia por Covid-19 com uma política de governo de nosso país que desqualifica o corpo, ou melhor alguns corpos. Desqualifica, desdenha da existência humana e mata, a partir de falta de ações sociais democráticas e concretas e excesso de ações balizadas

pela necropolítica. O livro oportuniza afirmar o corpo como existência e possibilidade de luta.

A docência é tratada a partir da curiosidade, no sentido de que ao ensinar também se aprende, e que este ainda não saber que gera curiosidade é a base da pergunta que é mola propulsora dos processos educativos.

Não acreditam em uma educação feita *sobre e para* os educandos, assim como não crê numa transformação revolucionária feita para as massas populares, mas sim *com* elas, com os sujeitos do processo.

O ato de perguntar deve estar presente e ser estimulado desde sempre, pois a curiosidade impulsiona a aprendizagem e os outros processos de aquisição de conhecimento. Os autores apontam que a “castração da curiosidade” (p. 67) é uma das marcas de uma educação autoritária. O educador autoritário que inibe a capacidade de perguntar do educando, além de não respeitar esse direito – o da pergunta – demonstra claramente o incômodo, o medo da pergunta, do que ela pode provocar.

O não diálogo com o social e com a educação indicam que políticas têm sido articuladas sem ouvir as vozes da população. Isso provoca um embrutecimento, burocratização das relações, por reproduzir o autoritarismo do modo de produção capitalista.

A obra traz pistas acerca de modos de resistência aos processos de negação da vida que os oprimidos sofrem. Tratam de “manhas dos oprimidos” a defesa que os sujeitos imprimem aos seus corpos como uma espécie de imunização de vacinação contra a lógica dominante. Possuir melhor conhecimento de como as classes dominantes se comportam, agem, como são as suas expressões culturais, a sua linguagem, torna possível perceber como a “ideologia dominante está encarnada, como penetra nas classes populares e que vazios deixam”.

O livro faz uma defesa da comunhão entre o conhecimento do senso comum e o conhecimento científico. Para que essa comunhão aconteça os autores trazem o intelectual e seu papel e prática social, numa reflexão acerca do sonho, que é político. Destacamos dois pontos sobre o sonho do intelectual: o primeiro é que é preciso que o intelectual tem que viver de forma a aproximar ao máximo seu discurso da prática, ou seja viver a coerência do que fala com o que faz. O outro ponto é a necessidade de perguntar sobre o sonho: “Com quem realizo o sonho? Se nas respostas aparecem o *para* quem, a indicação é que está sonhando *para e sobre* as classes populares, o que vai

na direção contrária à da perspectiva democrática, que segue a trilha dialógica de refletir e sonhar *com* os sujeitos, com vias à uma sociedade justa.

Tratam a prática pedagógica como uma forma de ação, de lutas em que o conflito de classes é reinventado. Nesse sentido, o debate se encaminha na proposição da necessidade de uma sensibilidade histórica, que seja capaz de prever, de antecipar certas ações e intenções das elites, a da leitura crítica do contexto.

A partir da leitura crítica é possível pensar em movimentos de reinvenção da luta, do poder, dos meios de produção, da educação. A reinvenção do poder exige pensar e seguir “caminhos diferentes de mobilização e de organização populares, métodos, táticas, estratégias” (p. 114). O debate se amplia para as questões referentes aos movimentos sociais, aos partidos políticos, aos sindicatos, objetivando refletir acerca das condições críticas e coerentes de falar *com*, e não *em nome* das massas. A obra traz a reinvenção do poder como “ato de fé frente à impossibilidade de receitas” (p. 124), logo há uma urgência em usar a criatividade, a imaginação e táticas em uma relação dialética com o sonho, com as perguntas e com os desafios e possibilidades históricas.

São trazidas à baila questões vivenciadas no exílio, como as revoluções na América Latina e em muitos países da África, a presença e a sombra do colonizador, que com sua ideologia tinha o pretense poder de “opacizar” as ideias do colonizado, introjetando sua cultura e subjugando a que lhe é diferente. Para além dos desafios impostos pelo colonizador, o povo colonizado cria suas táticas de libertação, que também é corporal, física.

Vários exemplos evidenciam essa relação, e alguns deles relatam a questão da produção de alimentação como território de submissão entre colonizador e colonizado. Na Bolívia, as mães aymaras recusavam-se a dar ovos e leite aos filhos, pois o colonizador havia plantado a ideia de que os filhos iriam morrer. A produção de ovos e leite continuava e os produtos eram vendidos a preços muito baixos para o colonizador, que mantinha a lógica de exploração, além de contribuir para a manutenção da desnutrição daquele povo.

Outros relatos informam a interferência de empresas multinacionais em processos de produção de determinados itens (pão) com a promessa aumentar a produção, deixando, porém de considerar que esses processos de modernização traziam mais gastos e dependência. A entrada desses projetos era realizada sem que fossem

feitas as perguntas essenciais a respeito das necessidades básicas e interesses daquele povo.

A alfabetização das classes populares, especialmente de jovens e adultos, é questão político-histórica, que é atravessada pela linguagem e pela participação dos educandos nesse processo. Participação diretamente relacionada à vida cotidiana, sendo um ato de criação, de conhecimento e “leitura do mundo que precede a leitura da palavra”.

Ler o mundo e poder contá-lo antes de dominar a palavra escrita exige a valorização da linguagem oral como elemento essencial no processo educativo.

A ideia da participação dos sujeitos nos processos educativos e outros, é uma afirmação da importância do coletivo, e faz parte do exercício de materialização de uma perspectiva democrática.

O último destaque vai para a Nicarágua, que estava em processo de “formar-se nos domínios da vida social, ou seja, no domínio da economia, da política, da sociologia, da educação, da paz, da guerra, da psicologia individual e coletiva etc.” (p.230). De acordo com Faundez, a Nicarágua materializava a simbiose entre a revolução política e social e a revolução educacional e cultural. Era a representação do sonho possível de criação e recriação de uma sociedade justa e solidária.

Paulo Freire e Antonio Faundez afirmam havia na Nicarágua o “que parecia ser uma revolução menina. Não porque recém-chegada, mas pelas provas que estava dando de sua curiosidade, de sua inquietação, de seu gosto de perguntar, por não temer sonhar, por querer crescer, criar, transformar” (p. 235).

O diálogo nos provoca pensar com eles a partir de seu testemunho de como reinventar uma sociedade.

Considerações provisórias

Escrever esta resenha é um presente nos dias atuais, pois provoca parar, refletir e tomar fôlego para continuar a resistir aos ataques diários à educação, à escola, à ciência e à vida, principalmente, das classes populares.

Ao abrirem-se em diálogo, os autores proporcionam o frescor e a esperança presentes nos coletivos que aumentam a nossa potência de existir e resistir.

Participar desta edição é exercício do olhar atento às questões que nos atravessam todos os dias. É fortalecer a atitude crítica diante da conjuntura que agride e sufoca, e nos perceber corpo individual, que também é social.

Conversar com esse livro falado é incorporar o convite dos autores à construção de uma pedagogia da pergunta, que possa invadir, incomodar e problematizar a lógica conservadora crescente no Brasil, que toma a vida dos/as negros/as, mulheres, diversos gêneros, pobres, idosos, crianças, servidores públicos e outros/as como vidas menores, sem direitos, renegados/as à própria sorte.

Vida longa aos coletivos que fortalecem a vida. Viva Paulo Freire! Viva a democracia!

REFERÊNCIA

FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antonio. Por uma pedagogia da pergunta. 8. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017 [1985].